



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Ficções do Desassossego', de Lucia Helena]

Kenneth David Jackson

Para citar este documento / To cite this document:

Kenneth David Jackson, "[Recensão crítica a 'Ficções do Desassossego', de Lucia Helena]", *Colóquio/Letras*, n.º 181, Set. 2012, p. 283-286.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

está, duma vocação literária pressentida desde muito cedo.

A «avidez» intelectual e sensorial a que se refere a narradora traduz-se de diversas formas ao longo do texto autobiográfico. Uma delas é a presença obsidiana da comida, essa «notável fabricação humana» (p. 30), festa dos sentidos celebrada desde os tempos de infância, quando o avô Daniel a exigia farta e apurada nos almoços dominicais, como reforço da coesão familiar. São muitas as passagens em que Nélide Piñon evoca o ritual e o prazer da boa mesa, os pitéus associados ao calendário religioso (o Natal celebrado com o bacalhau e o polvo da tradição galega), as receitas caseiras, os momentos gastronômicos partilhados com os amigos. E também aquelas em que realça a importância da cozinha e da azáfama em torno do fogão, do frigorífico como «totem urbano» (p. 63) e do caderno de receitas herdado da mãe («um bem com significado simbólico, que alimentou a família», p. 169), e reflete sobre os traços de identidade contidos numa feijoada brasileira ou numa lata de goiabada.

Intimista, na medida em que a personagem central procura sondar o mais fundo (*intimus*) e recôndito do seu ser, mas também no modo como revela aspectos da vida privada e da esfera doméstica, *Coração Andarilho* é um relato autobiográfico multifacetado, por vezes repetitivo nos seus mitos e obsessões, emotivo e nostálgico, amassado de referências cultas e de cenas triviais, descritivo e reflexivo como um autorretrato, interrogativo («Talvez a criança Nélide, que fui, seja uma mera invenção, uma fábula imprecisa. Como alcançar o passado e atualizá-lo no empenho de trazê-lo à tona?», p. 23), contemplativo (em certas páginas sobre o envelhecimento e a passagem do tempo, a perda dos antigos, a memória, a delicadeza, a amizade), compósito no seu arranjo

(mesclando a ordem cronológica e a ordem temática, e acrescentando à narrativa retrospectiva e englobante que constitui a sua parte mais substancial alguns capítulos finais em regime de narração *au jour le jour*), com ocasionais fragilidades de escrita, mas sensível e desenvolto no exercício introspectivo e de autocompreensão que nos propõe.

Clara Rocha

ENSAIO

Lucia Helena
FICÇÕES DO DESASSOSSEGO
FRAGMENTOS DA SOLIDÃO
CONTEMPORÂNEA

Rio de Janeiro, Contra Capa / 2010

Em 1953 Oswald de Andrade (1890-1954) escreveu o seu último grande ensaio, *A Marcha das Utopias* — publicado primeiro n’*O Estado de São Paulo* e depois em livro (Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1966) —, em que faz considerações filosóficas e analíticas de grande alcance sobre a natureza e transformação dos conceitos de Humanismo e Utopia na tradição literária e intelectual do Ocidente. Fundamenta a exposição num trauma presente na origem da civilização, que surge de uma contradição fundamental entre o homem primitivo ou pré-civilizado, em condições de ócio e estado de Natureza, condição observada no paganismo greco-romano, e o homem civilizado burguês, criado pelas viagens de descobrimento e pelo Iluminismo. A crise inerente a esse conflito gera o ciclo de Utopias que, para Oswald, representa uma expressão de «inconfirmação e um prenúncio de revolta»¹. Nesse sentido o modernista paulistano cita Fernando Pessoa, figura quase desconhecida no Brasil naquela época:

«Fernando Pessoa, aliás, com todas as liberdades do seu gênio, acusa Camões de se ter escravizado ao jugo de ouro de Petrarca, no que tem toda razão.»²

Em *Ficções do Desassossego*, a crítica brasileira Lucia Helena conduz com grande desempenho considerações sobre a narrativa das últimas três décadas do século XX que fazem lembrar o grande panorama traçado pelo ensaio oswaldiano. Reformula as diretrizes e a pujança da sua ideia central para o nosso tempo num livro dedicado a uma corrente de cultura filosófica do Ocidente, a questão da razão. Escreve ao mesmo tempo um livro de análise de obras literárias e uma crítica sociofilosófica da crise geral da modernidade, vista nas suas grandes dimensões. A autora, ela mesma especialista na obra de Oswald de Andrade, traça em linha histórica, desde os gregos e o renascimento, e passando por Defoe, Rousseau, Baudelaire, Flaubert e Rimbaud, a tensão entre a confiança na razão e a consciência dos seus limites. Expõe argumentos contra o pano de fundo da ideia da razão e suas aporias na modernidade ocidental desde o Iluminismo. Centrando-se em obras literárias, a partir do teatro de Sófocles, descreve a ambiguidade na razão, agravada pela *hybris* trágica, que provoca a desconfiança e desmedida geral que por sua vez desestabiliza a própria natureza do pensamento racional. Estabelece dois eixos de análise, o primeiro centrado no naufrago Robinson Crusóé, personagem do romance homónimo de Daniel Defoe (1719); e o outro inerente ao conceito do desassossego pessoano como paradigma. Oscilando entre o estético e o político, é pela literatura que a autora procura uma saída do desassossego, engendrado pela modernidade «sob a égide dominante da razão capitalista» (p. 25). Com fé nas possibilidades da palavra escrita, a ensaísta quer acreditar, via Walter Benjamin, na

possibilidade de uma utopia estimulada pela literatura nova, entendida como diálogo e passagem. A solução utópica posta em debate tem o intuito de restituir, por meio da leitura de boa fé, o hábito de pensar, à «sociedade do espetáculo» e abrir um diálogo que abrande o isolamento, desassossego e inquietação que oprimem a nossa existência atual. Trata-se, sobretudo no contexto das sociedades pós-coloniais como o Brasil, de uma escolha de liberdade pela palavra escrita: como e o quê escrever e pensar? Como redefinir as regras e a relação entre a literatura, eu e o mundo?

A crise da modernidade que chega aos nossos dias continua a ser uma crise da razão e suas falhas em todas as grandes áreas da vida. A autora expõe com plena consciência os defeitos e entraves do momento contemporâneo, caracterizado pela violência incontrollável, por uma cultura do dinheiro e pela celebração da imagem e do espetáculo. A cultura burguesa e respetivas crises encontram o seu padrão, na exposição de Lucia Helena, no herói aventureiro e naufrago Robinson Crusóé, solitário numa ilha deserta, que constrói e impõe o simulacro da sua cultura individualista. A ensaísta focaliza Robinson como ícone da modernidade, num novo mundo organizado pela implantação do capitalismo em busca do prazer e do dinheiro. Será a primeira «ficção do desassossego» do mundo burguês, destinado a ser dominado pelo *huit clos* sartreano e a exaustão da marcha das utopias. Está em pauta o desespero, a fragilidade, a solidão e a crise de valores que desvaloriza o contrato social, produzindo no seu lugar a desagregação do eu e a crise da expressão artística. O cenário das últimas três décadas para Lucia Helena é por excelência o de ficções de desassossego, presos num rito de passagem entre ordens culturais em conflito, angustiadas pela ausência de perspetivas novas.

Pelo alcance das suas considerações e a universalidade das suas leituras, Lucia Helena, com *Ficções do Desassossego*, assume o lugar merecido de *public intellectual* e crítica internacional. Fala com sabedoria e poder de síntese ao colocar os problemas centrais da modernidade, criando um diálogo com o leitor. Acusa as sociedades herdeiras da razão ocidental, chamadas a examinarem a «marcha» de suas ideias e a questionar a direção de seus ideais e suas Utopias. Por meio daquilo que se aprende da leitura e na leitura, a ensaísta propõe uma passagem consciente do rumo da nossa civilização. Se de um lado, Lucia Helena invoca o panorama histórico do modelo oswaldiano, do outro sai em defesa do pensamento humanístico, pondo em causa os valores sociais das sociedades de hoje. Levanta a bandeira do questionamento moral, com a arma do ensaio intelectual na tradição de Sontag, Arendt, Vidal, Steiner, Candido e Lourenço.

Ao descrever a ansiedade contemporânea por desassossego, a autora prestigia o celebrado «diário do nada» de Fernando Pessoa (*Livro do Desassossego*, 1.^a ed., 1982) como paradigma de uma modernidade que revisita as crises do contrato social e do individualismo iluministas. Por meio do *Livro*, liga o esteticismo, o simbolismo e o decadentismo vitoriano finiseculares ao desalento e eclétismo correntes, que caracterizam a era intelectual e social da modernidade. Embora faça comparações entre Kafka e o romance de J. M. Coetzee, *Vida e Época de Michael K.* (1983), à luz de *Franz Kafka, Sonhador Insubmisso* de Michael Löwy, prefere o conceito de Pessoa ao absurdo kafkiano para caracterizar a condição moderna: «Nos dissabores do mundo contemporâneo as ficções do desassossego não deixam de revelar a face contorcida de nossa civilização ‘pós-colonial’» (p. 42). Eleva o desassossego à definição da própria modernidade.

Nem na invenção literária nem na política social se consegue escapar da atração gravitacional da «cidade baixa» e do nada pessoais. Para a ensaísta, esse diário é o que melhor representa a desagregação do eu, considerada pela autora «a categoria fundadora da modernidade ocidental» (p. 65), que passa a estudar com Arendt e Candido. Da mesma maneira, ao analisar romances de Coetzee e Philip Roth, junta uma série de autores e obras brasileiras, colocados no mesmo plano expressivo e tratando dos mesmos impasses sociais e existenciais. Lê-se lado a lado, por exemplo, Albert Camus e João Guimarães Rosa, Coetzee e Lispector, na produção de uma literatura de pensamento que reflita a tensão dos seus modelos.

No capítulo sobre Machado de Assis a ensaísta traz a novidade de sugerir que Machado também se encaixa entre os precursores das ficções de desassossego: «antecipa o exame dos temas da solidão, do esvaziamento da subjetividade e da metáfora da corrosão» (p. 17). Incluí-lo sob essa rubrica, implica pois poder ver-se na dissimulação machadiana, trabalhada por meio de narradores não confiáveis, uma antecipação do narrador que se universaliza e se apaga no diário. O narrador machadiano, assim como o pessoano, reconstrói a biografia desde um ponto vazio, seja da morte no caso de Brás Cubas, seja de um mundo de significantes ausentes ou falsos. Descreve com acerto o «mestre do disfarce» que ridiculariza com «lupa e distanciamento» o próprio grupo que o aplaude. Ao desnudar um mundo que funciona pela imagem, nunca podendo ver a própria face, Machado revela a desintegração e a ruína de um mundo que sobreviveu a si mesmo. Um mestre de ironia ficcional, Machado não caracteriza essa dissolução como tragédia, pois não é heroica, mas trata-a com um cinismo que não esconde a sua «negativa de negati-

vas». Por isso, à guisa de Bernardo Soares, Machado é autor do desassossego carioca e universal.

Na visão de Lucia Helena, a modernidade seria uma marcha contínua pontuada por crises, onde as ficções do desassossego da produção recente dialogam com a tragédia grega, num momento em que as utopias românticas estão vedadas ao cidadão comum e até a subjetividade já perdeu as suas marcas de identidade e sua razão. Os romances estudados, seja qual for a língua, abordam essa problemática, com protagonistas que têm em comum um deslocamento, seja em Roth, Coetzee, Clarice, João Gilberto Noll ou Ronaldo Lima Lins. Como se sabe, o desassossego pessoano era labiríntico, um buraco negro que engolia fatalmente todos os textos e estilos, numa heteronomia em moção perpétua. Contra essa fatalidade, a ensaísta brasileira invoca as possibilidades imprevisíveis da palavra

escrita. O hibridismo e a referencialidade universal, pelo incessante processo de textos sobre textos, estudado em Benjamin, oferecem-nos a melhor esperança, segundo esse emprego do desassossego, para uma passagem a outros tempos e ainda outras leituras. Se Lucia Helena concorda com Cassius que «the fault, Dear Brutus, is not in our stars, but in ourselves», mesmo assim encontra nas ficções de Coetzee, Roth e outros as qualidades humanas necessárias para uma correção de caminho.

K. David Jackson

NOTAS

- ¹ Oswald de Andrade, *Obras Completas*, vol. 6 – *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias. Manifestos, Teses de Concurso e Ensaios*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970, p. 171.
- ² Idem, *ibid.*